

## A colonização açoriana e a fundação de San Carlos

Letícia Vieira Braga da Rosa<sup>1</sup>

Claudia Schemes<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir do tema Colonização Açoriana na América do Sul buscou-se analisar a trajetória das famílias açorianas que foram “transportadas” para o sul do Brasil a partir de 1746 e levadas como prisioneiras para o território espanhol em 1763, para fundar a Vila de San Carlos, em Maldonado, Uruguai. Para conhecer a trajetória desses pioneiros adotou-se a abordagem da Sociologia Compreensiva, que sugere compreender os fenômenos históricos a partir dos indivíduos e suas ações sociais.

**Palavras-chave:** Migração; colonização; açorianos.

**Abstract:** Since the Azorean Colonization theme in South America, sought to analyze the families trajectory “transported” to southern Brazil from 1746 carried as prisoners to Spanish territory in 1763, to found San Carlos village in Maldonado, Uruguay. To know these pioneers trajectory, was adopted the Comprehensive Sociology method of approach, that suggests understand the historical phenomena from individuals and their social actions.

**Keywords:** Migration; colonization; azorean.

### Introdução

O Arquipélago dos Açores é formado por nove ilhas divididas em três grupos geográficos. O Grupo Oriental compreende as ilhas de Santa Maria e São Miguel, o Grupo Central abrange Faial, Graciosa, Pico, São Jorge e Terceira e o Grupo Ocidental inclui as ilhas de Corvo e Flores. De formação vulcânica e clima temperado, localiza-se no Oceano Atlântico a cerca de 1600 km da costa portuguesa, totalizando uma área de 2.333 km<sup>2</sup>. Apesar de pertencer à Coroa Portuguesa, o território foi povoado a partir do século XV por diversos grupos étnicos. Dessa miscigenação formou-se o povo açoriano que, no século XVII, vai ser enviado para colonizar o sul do Brasil.

Este estudo busca conhecer a trajetória desses açorianos, investigando de modo especial a invasão espanhola de 1763, quando Pedro de Cevallos invadiu Rio Grande, levando os açorianos como prisioneiros para o território espanhol, onde fundou a vila de San Carlos<sup>3</sup>.

É a partir do enfoque das relações sociais e transformações culturais ocasionadas pelos movimentos migratórios, que se quer conhecer a história dos açorianos, a sua vinda para o Rio Grande do Sul e a formação de San Carlos. Assim, a proposta deste artigo é investigar a trajetória das famílias açorianas que foram “transportadas” para o sul do Brasil a partir de 1746 e levadas como prisioneiras para o território espanhol em 1763 para fundar a Vila de San Carlos, em Maldonado, Uruguai.

---

<sup>1</sup> Letícia Vieira Braga da Rosa: Mestre em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS), professora do curso de Comunicação Social da Universidade Feevale.

<sup>2</sup> Claudia Schemes: Doutora em História, professora do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e dos cursos de História e Moda da Universidade Feevale, pesquisadora do grupo Cultura e Memória da Comunidade.

<sup>3</sup> Atualmente o território constitui o país vizinho do Uruguai, localizando-se a cidade de San Carlos no departamento de Maldonado, ao lado do balneário de Punta del Este.

Refletiremos sobre essa questão a partir da Sociologia Compreensiva de Max Weber<sup>4</sup>, que propõe a compreensão da sociedade a partir dos indivíduos e suas ações sociais, tomando o homem como o objeto das ciências sociais e seus atos como unidade básica de explicação.

Para Weber, o conhecimento da realidade cultural está subordinado a pontos de vista particulares e condicionado por premissas subjetivas, já que as ideias de valor do investigador delimitam o horizonte da pesquisa, selecionando “o que é significativo ou insignificante, ‘importante’ ou ‘secundário’.”<sup>5</sup> Apesar dos pressupostos valorativos, é enfático ao destacar que o conhecimento deve ser obtido mediante o confronto com o real e não a partir das ideias de valor. “O ponto de vista do interesse das ciências sociais reside na configuração *real* e, portanto, individual da vida sociocultural que nos rodeia, quando queremos apreende-la no seu contexto *universal*, nem por isso menos *individual*”.<sup>6</sup>

O autor propõe a análise da realidade cultural em seu contexto universal, partindo de perspectivas específicas e parciais que, em termos metodológicos, permitam selecionar, analisar, organizar e compreender a realidade não no que é genérico, mas naquilo que ela tem de específico, trabalhando com conceitos sob a forma de tipos ideais.

O tipo ideal destina-se “à mediação e à caracterização sistemática das relações *individuais*, isto é, significativas pela sua especificidade”.<sup>7</sup> Com a tipificação não se buscam as regularidades de um fenômeno para construção de regras gerais, nem tampouco se utilizam os casos individuais para formar generalizações, o que se busca é o sentido das ações individuais para apreender a vida sociocultural em seu contexto universal. “A finalidade de formação de conceitos de tipo ideal consiste sempre em tomar rigorosamente consciência não do que é genérico, mas, muito pelo contrário, do que é *específico* a fenômenos culturais”.<sup>8</sup>

A partir desse caminho, sob o paradigma compreensivo da sociologia, busca-se associar autores que permitam considerar a História como uma narrativa que exige interpretação e reconstrói contextos e laços sociais.

### **A colonização açoriana e a vontade de emigrar**

A partir do entendimento de que cada indivíduo vive interativamente com outros seres humanos, cujos laços de associação são incessantemente feitos, desfeitos e refeitos, Georg

---

<sup>4</sup> WEBER, Max. **Max Weber: sociologia** São Paulo: Ática, 1979.

<sup>5</sup> Idem, p. 98

<sup>6</sup> Idem, p. 89

<sup>7</sup> Idem, p.115

<sup>8</sup> Idem, p.116

Simmel apresenta a possibilidade de observação dos grandes temas históricos tendo como base a relação recíproca dos seres humanos, que acontece por meio da contiguidade de indivíduos que agem uns sobre os outros e por meio da sucessão de gerações. A interação entre os indivíduos, que reciprocamente se afetam e modificam, formam grupos e são determinados por essa existência em grupo, em relação de convívio com referência ao outro, com o outro, para o outro e contra o outro, faz da sociedade um “acontecer”, em que cada um partilha, recebe e passa adiante interesses e finalidades, num “fluxo incessante”.<sup>9</sup>

Weber apresenta o conceito de ação social como toda ação humana que se orienta a partir do comportamento do outro, enquanto que o conceito de relação social trata do comportamento reciprocamente referido quanto ao sentido visado, ou seja, ações reciprocamente referidas entre os participantes.<sup>10</sup> As relações sociais podem ter o conteúdo diverso, abarcando tanto situações de disputa e antagonismo entre os participantes como também as relações de associação, de ajuste e união de interesses.

Segundo Ezra Park, as forças decisivas na história da humanidade são aquelas que levam os homens a viver uma existência comum, em que se intercalam competição, conflito e cooperação. De modo específico assinala as correntes migratórias como uma das influências mais importantes nas transformações sociais, visto que provocam encontros, divergências e intercâmbio entre indivíduos e culturas.<sup>11</sup>

Há de se considerar, segundo Park, que embora a migração humana seja apenas uma dentre uma série de modos que podem ocasionar câmbios históricos, quando considerada como um tipo de ação coletiva, exibe características típicas suficientes para tornar-se um tema de estudo e investigação. É a partir desse enfoque, das relações sociais e transformações culturais ocasionadas pelos movimentos migratórios, que se quer conhecer a história dos açorianos que, no século XVIII, foram transportados para o Rio Grande do Sul e, posteriormente, povoaram a vila de San Carlos, em Maldonado, Uruguai.<sup>12</sup>

Assim como o Brasil, o Arquipélago Açoriano também pertencia à Coroa Portuguesa. Mas embora Portugal tenha chegado às ilhas aproximadamente na mesma época em que chegou à América, seu processo de povoamento começou ainda no século XV,

---

<sup>9</sup> SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 17-8.

<sup>10</sup> “Nem todo tipo de contato entre as pessoas tem caráter social, senão apenas um comportamento que, quanto ao sentido, se orienta pelo comportamento de outra pessoa” (WEBER, 2000, p. 14).

<sup>11</sup> PARK, Robert Ezra. Las migraciones humanas y el hombre marginal. Publicado originalmente em **American Journal of Sociology**, 1928 (maio), nº 33, p. 881-893. Disponível em < <http://www.ub.edu/geocrit/sn-75.htm#LAS%20MIGRACIONES%20HUMANAS%20Y%20EL%20HOMBRE> >. Acesso em 01 maio 2011.

<sup>12</sup> Idem.

enquanto que a colonização do Brasil e, em especial do Rio Grande do Sul, vai acontecer bem mais tarde, no século XVIII, adotando um processo distinto.

Ao processo de ocupação do solo vincula-se, também, um elemento estrutural, de domínio, em que ao sentido de “cuidar” é acrescido o sentido de “mandar”, associando a figura do colonizador à do conquistador. Enquanto no Brasil o território estava habitado pelos povos indígenas, o que caracterizava um processo de colonização e conquista, as ilhas dos Açores não eram habitadas, o que caracterizou um processo de colonização diferente, com o deslocamento de diversos grupos étnicos para o novo território.<sup>13</sup>

No caso açoriano, por não conseguir pessoas suficientes para povoar as ilhas em solo português, foi permitido que estrangeiros participassem do povoamento. Assim, além de portugueses, para as ilhas acorreram também franceses, holandeses, flamencos, ingleses, judeus, africanos, mouros e espanhóis, fato que levou a uma grande diversidade cultural.

Park observa que, quando se examinam as sociedades, estas se apresentam como uma mistura das raças e dos povos que as compõem, num processo de organização, desorganização e reorganização que envolve desde a rivalidade e o conflito até a adaptação e assimilação de costumes que marcam as interações entre os indivíduos. Cada nação, quando examinada, apresenta-se como um *melting-pot*, isto é, a partir da constante mistura de raças e povos.<sup>14</sup>

Segundo Weber a necessidade de respaldo político é decisiva na colonização de um território político estranho em que se vai formar uma “comunidade de intercâmbio cultural”, isto é, formada por grupos étnicos diferentes. Na formação de comunidades desse tipo, o autor destaca o isolamento e a migração para lugares muito distantes como fatores que podem levar tanto à geração de novos costumes quanto à fixação de alguns elementos do grupo de origem que subsistem como convenções.<sup>15</sup>

Quando se examina os Açores, em que a migração aconteceu em um território estranho e não habitado, envolvendo povos de diversas etnias e culturas diferentes, isolados nas ilhas em meio ao Oceano Atlântico, longe de suas comunidades de origem, pode-se perceber nesse processo de adaptação o predomínio dos valores culturais do proprietário da terra: o colonizador português.

Essa continuidade das relações culturais com a antiga comunidade política é apontada por Weber como elemento que faz subsistir a sensação de comunhão étnica, sendo

---

<sup>13</sup> FORTES, João Borges. **Os casais açorianos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

<sup>14</sup> PARK, 1928, op. cit.

<sup>15</sup> WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Vol. 1. Brasília: UnB, 2000, p.269.

que, onde estas relações “faltam ou cessam, falta também o sentimento de comunhão ‘étnica’.”<sup>16</sup> Nos Açores esse duplo aspecto se encontra, por um lado, na continuidade e resistência dos valores portugueses; e, por outro, no enfraquecimento dos valores dos demais grupos étnicos que haviam se estabelecido nas ilhas.

Com relação à cultura de origem, Weber observa que existe um sentimento específico de comunhão étnica persistente nas comunidades de intercâmbio social em que, por algum motivo, permanece viva “a lembrança do nascimento de uma comunidade exterior, em virtude de uma cisão pacífica ou emigração (‘colônia’ [...] ou processos semelhantes) a partir de uma comunidade matriz.”<sup>17</sup> Dentre os aspectos que podem evocar sentimentos de comunhão, o autor indica a linguagem e a religiosidade, como elementos extraordinariamente fortes nos sentimentos de afinidade étnica.

De modo especial na colonização dos Açores, a religiosidade e o uso do idioma português foram os elementos de comunhão a partir dos quais o grupo foi criando uma nova identidade. Zeno Hastenteufel ressalta que a colônia sempre se manteve lusa, “com a língua portuguesa, usos e costumes lusitanos, tendo a religião católica como única e exclusiva, verdadeiro patrimônio de todos os açorianos”.<sup>18</sup>

Embora a centralidade da cultura portuguesa, com o passar do tempo, esse processo de adaptação levou a uma assimilação das diferenças e reorganização cultural, fazendo com que o grupo fosse criando suas raízes e cultura a partir de expectativas comuns, apesar da descontinuidade geográfica do arquipélago. Para Park, a mudança de residência, a ruptura com os vínculos de origem e a proximidade entre grupos distintos, que passam a viver juntos, em estreito contato, dá lugar a um híbrido, produzindo modificações nos hábitos e costumes sociais e, em seus aspectos subjetivos, alterações na personalidade dos indivíduos.<sup>19</sup> Na dinâmica da vida social, Simmel ressalta a adaptação como condição ao fluxo contínuo do desenvolvimento das relações sociais. Por esse motivo o autor considera que a vida social deve ser “deduzida e interpretada [...] e concebida na tessitura da natureza com a criatividade dos indivíduos”.<sup>20</sup>

Nessa perspectiva, vivendo em uma relação de interdependência, moldada pelas condições ambientais e sociais, isolados nas ilhas, cercados pelo mar, à distância do

---

<sup>16</sup> Idem, p. 271

<sup>17</sup> Idem, p. 271

<sup>18</sup> HASTENTEUFEL, Pe. Zeno. O Espírito Santo na cultura luso-açoriana. In: HACKMANN, Geraldo Luis Borges (org.). **O Espírito Santo e a Teologia hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.158.

<sup>19</sup> PARK, 1928, op. cit.

<sup>20</sup> SIMMEL, 2006, op. cit. p.28.

continente europeu, mesclando seus costumes de origem, com o tempo o grupo foi formando uma comunidade que, embora sendo parte de Portugal, já não era mais igual à sociedade portuguesa. A partir das relações mútuas, com base nos valores compartilhados, pode-se entender a sociedade açoriana como decorrência de um processo que resultou em uma nova identidade.

No intuito de delinear a identidade açoriana<sup>21</sup> diversos autores têm buscado as características identitárias do grupo. Considerado o primeiro historiador açoriano, o Pe. Gaspar Frutuoso escreve “Saudades da terra”, no período de 1565 a agosto de 1591, em que relata a história, geografia, costumes e genealogia das ilhas dos Açores. Inventariando o arquipélago, vai descrever seus moradores, suas histórias e a formação de cada uma das ilhas. Observa-se sua preocupação em enaltecer a honra, nobreza e virtude dos primeiros moradores e engrandecer as origens da formação do arquipélago, como forma de afirmar essas origens. No período entre 1646 a 1654, Frei Diogo das Chagas, percorre todo o arquipélago e, em “Espelho cristalino em jardim de várias flores”, apresenta as características dos moradores de cada ilha e a geografia do lugar. Da mesma forma que Frutuoso, Chagas ressalta a nobreza dos moradores das ilhas, atribuindo importância à procedência e linhagens.

Ao utilizar fontes como Frutuoso e Chagas, cumpre considerar a época em que escreveram seus textos. Segundo Le Goff,<sup>22</sup> cada época fabrica uma representação para seu passado histórico. Conforme a sociedade vai avançando, o modo como o passado é apresentado vai sofrendo mudanças, o que ocasiona sua contínua construção e reinterpretação. Por esse motivo, Rute Gregório<sup>23</sup> sugere cautela ao utilizar os textos históricos dos primeiros cronistas das ilhas. Apesar disso, os relatos desses autores permitiram perceber que nessa época não havia a noção de comunidade açoriana, sendo cada ilha descrita a partir de suas características particulares, não apontando elementos que indicassem os Açores como um

---

<sup>21</sup> Considerando identidade enquanto representação social, que organiza um sistema compreensivo com base na ideia de pertencimento, cita-se Pesavento (2002, p. 90) que define identidade a partir das diferenças entre o eu e o outro e da identificação do indivíduo frente à coletividade, sendo portanto relacional pois “se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro.” Nesse sentido, Burke (2002, p. 85) considera o modo como “a identidade de um grupo é definida em relação ou em comparação a outros”. Assim, a identidade de um grupo está calcada na noção de pertença e na relação de um grupo frente aos outros. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002. 280p.

<sup>22</sup> LE GOFF, Jacques. **Pensar la historia: modernidad, presente, progreso**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1991.

<sup>23</sup> GREGÓRIO, Rute D. **Configurações de uma pequena nobreza e do seu património, Açores, séculos XV e XVI**. Conferência apresentada em "Conferências e Debates Império Português de Antigo Regime: Características Estruturantes e Papel da Pequena Nobreza". Lisboa, 27 de maio de 2010. Disponível em < <http://hdl.handle.net/10400.3/1084> >. Acesso em 20 out 2011.

todo dotado de identidade própria.

A partir dos relatos do século XIX, as descrições do povo dos Açores vão introduzindo aspectos extensivos ao coletivo. Accurcio Garcia Ramos<sup>24</sup> descreve os “filhos destes povos” como um grupo agradável e simpático, robusto e de constituição física vigorosa, cujos olhos puxados revelam vivacidade. “Os açorianos são geralmente de um caráter alegre e expansivo; amam a música, a dança, as representações teatrais, as reuniões de máscaras, as loucuras do carnaval, as cavalcadas, as corridas de touros, - e as festas do Espírito Santo, as mais gerais e populares do Arquipélago.” Embora ainda apresente as particularidades de cada ilha, pode-se observar, nas descrições de Accurcio uma visão de coletividade, referindo-se os moradores do arquipélago como um grupo, fazendo menção aos “açorianos”.<sup>25</sup>

Mais recentemente, Vitorino Nemésio<sup>26</sup> destaca um conjunto de particularidades que caracterizam a singularidade dos açorianos, encontrando na geografia um item unificador que o levou a considerar a proximidade do mar, o clima, o isolamento e terra vulcânica, como elementos específicos do que denominou “açorianidade”.

Mesmo considerando a diversidade cultural do arquipélago, Nemésio assinala alguns fatores compartilhados pelo grupo - proximidade do mar, vulcanismo, condições climáticas (umidade do ar, vendavais, tempestades), isolamento, religiosidade - como elementos representativos que vão formando os valores identitários desse novo grupo em formação: os açorianos.

Ampliando o conceito de açorianidade proposto por Nemésio, Luiz Ribeiro<sup>27</sup> busca relacionar as influências do meio insular e das condições climáticas ao comportamento dos ilhéus. Assim, confere ao vulcanismo e às intempéries climáticas a religiosidade do povo das ilhas. Ao isolamento, atribui o temperamento açoriano, seu forte apego a terra, o saudosismo e o caráter servil e humilde. À insularidade, relaciona a atração pelo mar e a necessidade “quase instintiva” de emigrar.

A “vontade de emigrar” pode ser considerada como um dos fatores que levou os açorianos a pedir ao rei de Portugal permissão para vir para o sul do Brasil, especialmente

---

<sup>24</sup> RAMOS, Accurcio Garcia. **Notícia do Archipelago dos Açores e do que ha mais importante na sua historia natural**. Angra do Heroísmo: Typographia Terceirense, 1869, p.121

<sup>25</sup> Cabe notar que Accurcio ainda utiliza a mesma fórmula dos primeiros cronistas dos Açores, do elogio e adjetivação exagerada. Tendo em vista que suas descrições posteriormente são utilizadas por historiadores gaúchos, como Fagundes Varela e Borges Fortes, pode-se considerar que a visão dos açorianos por eles apresentada se apoia na imagem construída por Frutuoso e Chagas.

<sup>26</sup>In: GOUVEIA, Maria Margarida Maia. **Vitorino Nemésio. Estudo e Antologia**. Lisboa, ICALP/MEC, 1986.

<sup>27</sup> RIBEIRO, Luís da Silva. **Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade**. Angra: Instituto Açoriano de Cultura, 1964.

devido à situação enfrentada nas ilhas: ciclones, enchentes, terremotos, abalos sísmicos, erupções vulcânicas, explosão demográfica, escassez de terras e de alimentos, constituíam um somatório de fatores que levaram a fome, as doenças e a morte para os Açores.

A partir da perspectiva apontada por Park, embora o clima e as condições do ambiente sejam fatores importantes, sua influência é secundária na formação cultural em que o contato, as interações e a comunicação são processos determinantes no estabelecimento de novas relações sociais e culturais. Entre as raízes que podem impulsionar a migração, Park observa que os tempos de paz e a inércia social podem ocasionar um estado de mal-estar social. Nesses casos, a migração é vista como uma espécie de “aventura insensata”, interrompendo com a rotina, os hábitos e os costumes vigentes. Embora possam se estabelecer por motivos diversos, o autor destaca que as migrações atendem a uma característica em comum: o que motiva os indivíduos a mudar de localidade é a busca por condições de vida mais favoráveis.<sup>28</sup>

Assim, a vinda para o Brasil pode ser vista como uma forma de fugir das condições adversas das ilhas em busca de segurança e bem-estar. Além disso, o Brasil era visto como terra promissora, da fartura, do ouro, de oportunidades ainda por explorar.<sup>29</sup> Nesse sentido, cabe referência à figura do aventureiro, indicada por Simmel.<sup>30</sup> Para o autor, quando as tensões da vida aumentam, levando a uma mudança de ritmo, o aventureiro afasta-se de qualquer continuidade, apostando tudo na chance flutuante, no destino e no que é impreciso.

O caráter aventureiro do açoriano é indicado por Ribeiro ao referir-se à facilidade com que deixam a ilha, com “confiança em si e na sua boa estrela”. O autor atribui essa vontade emigrar ao seu desejo de aventura, pois, mesmo quando não há necessidade premente, escolhe partir. “Não emigra, muitas vezes, por imperativa necessidade. [...] Emigra por força de uma tendência natural, que às vezes constitui uma verdadeira obsessão.”<sup>31</sup>

Dadas essas condições, pode-se apontar que, mais do que os fatores ambientais e dificuldades enfrentadas nas ilhas, o gosto pela aventura, enquanto elemento constitutivo da cultura do grupo, foi um dos principais motivos para que os açorianos manifestassem a vontade de emigrar para o Brasil.

---

<sup>28</sup> PARK, 1928, op.cit.

<sup>29</sup> FORTES, 1999, op. cit.

<sup>30</sup> In: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília:UnB, 1998.

<sup>31</sup> RIBEIRO, 1964, op. cit. p. 55.



### **A corrida de Rio Grande e a fundação de San Carlos**

Inicialmente, o destino dos açorianos enviados para o Rio Grande do Sul era povoar a região do Chuí, de modo a demarcar uma linha divisória entre os domínios portugueses e hispânicos.<sup>32</sup> Com a assinatura do Tratado de Madrid<sup>33</sup>, Portugal decidiu enviar os açorianos para as missões jesuíticas. Entretanto, novos acordos diplomáticos entre as duas coroas ibéricas fizeram com que as missões retornassem à Espanha, de modo que os açorianos ficaram novamente sem destino definido.<sup>34</sup> Não tendo sido cumpridas as disposições do Édito-real de 1747, um grande grupo de casais se encontrava ao redor da Vila de Rio Grande, ainda à espera de terras, quando, em 1761, ressurgiu o estado de guerra entre Portugal e Espanha<sup>35</sup>, fato que levou o Continente de São Pedro a ser assediado pelos espanhóis da região do Prata.

Assim, viram-se os açorianos envolvidos nas rivalidades entre portugueses e espanhóis que disputavam a região. Mais do que o outro-diferente, os espanhóis eram vistos como o outro-inimigo, reproduzindo e reforçando, em solo americano, antigas inimizades dos dois países europeus.<sup>36</sup>

Em abril de 1763 as tropas espanholas tomaram os fortes de São Miguel e Santa Teresa, que se rendem em meio a deserções generalizadas. Fugindo da aproximação castelhana, os soldados portugueses invadem a vila do Rio Grande, promovendo o caos entre os moradores e a pilhagem do comércio. A violência tomou conta da vila, havendo saques, estupros, invasão e roubo de peças da igreja matriz de São Pedro. Conforme Guilhermino César, “os armazéns reais foram assaltados, a igreja despida de seus paramentos e objetos sagrados, enquanto a soldadesca embriagada só pensava em fugir, nas poucas canoas

---

<sup>32</sup> WIEDERSPHAN, Oscar Henrique. **A colonização açoriana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1979.

<sup>33</sup> Em 1750, foi firmado entre Portugal e Espanha o Tratado de Madrid, em que Portugal entregava a Colônia de Sacramento à Espanha em troca do domínio das Missões (PESAVENTO, 1992).

PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1992.

<sup>34</sup> PESAVENTO, Sandra. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

<sup>35</sup> Por ocasião da guerra dos Sete Anos na Europa, Portugal e Espanha estavam em campos opostos, o que motivou um novo ataque dos castelhanos; em 1763 D. Pedro de Cevallos, governador de Buenos Aires, após conquistar Sacramento, invadiu a capitania de São Pedro, conquistando Rio Grande (PESAVENTO, 1992, op. cit.).

<sup>36</sup> Atente-se para o fato de que durante o período de colonização, buscando solucionar o conflito de interesses entre Portugal e Espanha, diversos tratados foram arquitetados entre as duas potências marítimas, alguns aumentando a rivalidade entre os dois países e outros promovendo alianças. Como as notícias dos acordos realizados na Europa demoravam a chegar ao Novo Mundo, na prática, o que havia sido acordado na Península Ibérica acabava sendo desrespeitado em solo americano pelos súditos das duas coroas. Na mesma época que na Europa era assinado o Tratado de Paris, que previa a paz entre Portugal e Espanha, na América, os espanhóis preparavam-se para invadir e anexar o Rio Grande do Sul e Santa Catarina aos domínios espanhóis.

existentes, para se porem a salvo nas barrancas de São José do Norte”.<sup>37</sup>

Em 24 de abril de 1763, as tropas espanholas do General e Governador de Buenos Aires, D. Pedro Cevallos, em nome de Carlos III, Rei de Espanha, invadem a Vila do Rio Grande, sem encontrar resistência. Embora houvesse ordem de abandonar a vila, o governador do Rio Grande, Elói Madureira, não havia divulgado o plano de defesa e fuga aos moradores. As companhias de milicianos que constituíam a proteção sul foram retiradas e a cidade abandonada pelos militares. Em pânico, a população só fugiu quando os espanhóis estavam chegando à cidade. “Cada qual queria salvar a vida e os haveres. Houve saques e atropelos.”<sup>38</sup>

Oscar Wiederspahn descreve a situação de desordem e desespero da população frente à ocupação da vila pela vanguarda espanhola:

Depois foi o pânico, a confusão e o caos. A população da vila e das circunvizinhanças, inclusive alguns dos casais açorianos do Povo Novo e da ilha de Martins, correram para as praias, à procura de embarcações. Começou o saque do comércio e das casas abandonadas e até das igrejas, no afã de nada deixar para os invasores. Muitas das canoas, superlotadas, inutilizaram-se, e outras encalharam nos baixios no canal, sendo os seus ocupantes aprisionados pelas vanguardas hispânicas.<sup>39</sup>

Esse fato, conhecido como “Corrida do Rio Grande”, levou os colonos a se dispersar por todo o continente riograndense, dando origem às cidades de Viamão, Taquari, Porto Alegre, Santo Amaro, Rio Pardo, Mostardas, Estreito e Triunfo. Alguns, pouco mais de cem famílias, não conseguiram fugir, sendo aprisionados por Cevallos.<sup>40</sup>

Segundo Guilhermino César, os colonos açorianos mais pobres foram os que mais sofreram as consequências da invasão, “deixando lavouras e animais à mercê do invasor. Muitos desses (sic) colonos, surpreendidos em suas chácaras pelas tropas castelhanas, foram levados com suas famílias para a região de Maldonado”.<sup>41</sup>

Segundo Frega<sup>42</sup> a região de Maldonado, localizada ao sudeste do Uruguai, era uma zona de fronteira aberta, lugar de trânsito e de tráfico, passagem e refúgio entre os territórios portugueses e espanhóis<sup>43</sup>. Banhada pelo Oceano Atlântico, constituía um porto alternativo ao de Montevideú, onde também aportavam navios de comércio clandestino e piratas. Brenda

<sup>37</sup> CÉSAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul: Período colonial**. Porto Alegre, Globo, 1970, p.170.

<sup>38</sup> CIDADE, Francisco de Paula. **Lutas ao sul do Brasil, com os espanhóis e seus descendentes, 1680-1828**. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, 1948, p.75.

<sup>39</sup> WIEDERSPAHN, 1979, op. cit. p. 86.

<sup>40</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1985, p. 48.

<sup>41</sup> CÉSAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul: Período colonial**. Porto Alegre, Globo, 1970, p. 170.

<sup>42</sup> In: HEINZ, Flávio M.; HERRLEIN JR., Ronaldo (org). **Histórias regionais do Cone Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

<sup>43</sup> A extensão da região de Maldonado correspondia aos atuais departamentos de Maldonado, Rocha e parte de Lavalleja.

Pagola<sup>44</sup> considera a dificuldade em conseguir “elemento humano” para povoar e defender a região como um dos motivos que pode ter levado Cevallos a criar um novo povoado, para onde foram enviados os prisioneiros junto com suas famílias.

Florencia Fajardo<sup>45</sup> aponta o fato de todos pertencerem ao mesmo grupo étnico, a possibilidade de trazerem seus bens materiais e instrumentos de trabalho e a grande quantidade de pessoas que se podia dispor (condição rara na região), como fatores que podem ter motivado Cevallos a decidir-se pela criação da nova vila. Segundo Boris Fausto,<sup>46</sup> nas Américas, a relação terra e trabalho era o oposto do que ocorria no continente europeu. “Na Europa, a terra era cara e a mão-de-obra, barata. Na América, a terra era abundante e estava disponível. Entretanto, a mão-de-obra era escassa; portanto, cara.” Logo, deparar-se com um grupo de europeus apto ao trabalho, acostumados à agricultura e disposto a criar raízes, era uma situação excepcional no continente americano daquela época. Além desses fatores, Estrada<sup>47</sup> considera a guerra com Portugal como principal motivo que levou Cevallos a fundar o novo povoado, visto a necessidade de abastecer com trigo e carne as tropas estacionadas em Maldonado, nos fortes de Santa Teresa e São Miguel e em Rio Grande. Assim, contar com um povo de agricultores era uma grande vantagem.

Ainda com referência às relações de guerra entre Portugal e Espanha, Pagola pondera que Cevallos pode ter planejado a fundação do povoado como uma forma de controlar aqueles que poderiam ser vistos como inimigos em potencial. Nesse sentido, quer parecer que, curiosamente, a mesma razão que havia motivado o governo português a “transportar” os açorianos para Rio Grande – povoar para garantir a posse da terra – é agora utilizada pelos espanhóis dispondo do mesmo grupo de colonos.<sup>48</sup>

De Rio Grande, Cevallos dá ordens ao comando militar de Maldonado, a Lázaro Mendinueta e Fernando de Cossio para que comecem os preparativos para instalar os açorianos, para que quando cheguem a Maldonado as famílias sejam acomodadas e bem

---

<sup>44</sup> PAGOLA, Brenda. **Y ellos le dieron vida. San Carlos: fundadores y vecinos.** Montevideu, Uruguai, 2007, p.19

<sup>45</sup> FAJARDO, Florencia Terán. **La Gravitante región de Maldonado.** Intendencia de Maldonado, Comité Patriótico Departamental, 1977, p.208.

Disponível em <http://www.ejercito.mil.uy/cge/dptoeehh/Libros/Boletin%20Historico/107%20Bolet%20C3%ADn%20Hist%20C3%B3rico%20N%C2%BA%20219%20-%20222%20-%20a%20C3%B1o%2019%2077.pdf> > Acesso em 29 set. 2011.

<sup>46</sup> FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América.** São Paulo: Edusp, 2000, p.15.

<sup>47</sup> ESTRADA, Marcos M. de. **La Villa de San Carlos: Pedro de Cevallos, portugueses y "patagónicos".** Montevideu: Ediciones de la Plaza, 2007. Disponível em <<http://sancarlos.freeiz.com/articuloshistoria/villadesancarlos/>> Acesso em 29 set. 2011.

<sup>48</sup> PAGOLA, 2007, op. cit.

tratadas, dispondo de carne em abundância para sua manutenção.<sup>49</sup>

A carta de Cevallos de 20 de março de 1763, emitida do Quartel General de Rio Grande para o comandante de Maldonado, Lázaro Mendinueta, expressa as primeiras indicações do envio de açorianos para o território espanhol:

Como quero ver trabalhando bastante aos *islenôs*<sup>50</sup> portugueses que ficaram neste povoado e nos campos da região; permiti que fossem com suas famílias para essas paragens; previno a V.M. que aos que chegarem a essa povoação (Maldonado) vá acomodando em ranchos aí mesmo ou nas imediações, para que fiquem com a maior comodidade possível, até que eu chegue e disponha outras ordens para seu estabelecimento.<sup>51</sup>

A expressão utilizada por Cevallos, “permiti” ao invés de “ordenei”, parece indicar que havia entre os açorianos boa disposição de seguir viagem em busca de terras para instalar-se.<sup>52</sup> Esse aspecto pode ser evidenciado na carta de 6 de abril de 1763, enviada pelo comandante de Santa Teresa, Alferes Fulgencio Alagón, a Cevallos, em que Alagón informa ter questionado as famílias que passaram por Santa Teresa, conforme o mesmo Cevallos havia pedido, e que todas, unanimemente, afirmaram preferir seguir adiante a voltar ao que haviam abandonado.<sup>53</sup> Assim, embora inicialmente na condição de prisioneiros de guerra, a maneira como Cevallos concebe a formação da nova vila, o modo como é realizada a viagem, como foram recebidos e instalados na nova povoação, deixa indícios de que o grupo viajou pacificamente, aceitando voluntariamente esse deslocamento, decidindo-se a empreender nova migração.

Há de se considerar também que, embora fossem súditos da Coroa Portuguesa, nem todos os açorianos se vissem estimulados a lutar por Portugal, depois de frustradas as promessas reais, preferindo emigrar voluntariamente para o território espanhol como forma de obter as tão sonhadas vantagens que os havia levado a migrar para a América. Segundo Frega<sup>54</sup>, nesses casos, a questão não era tanto o lugar de nascimento mas sim a relação com o exército invasor já que a zona de ocupação se convertia, inevitavelmente, em fonte de recursos e gratificações. Por ser uma região de fronteira, era comum esse tipo de “lealdades ambivalentes”, em que optar entre o lugar de origem e o lugar de residência era uma questão de sobrevivência.

---

<sup>49</sup> ESTRADA, 2007, op. cit.

<sup>50</sup> A expressão *isleños* foi mantida em espanhol por ser o modo como os espanhóis chamavam os açorianos.

<sup>51</sup> CEVALLOS apud PAGOLA, op. cit. p. 20, tradução nossa.

<sup>52</sup> ESTRADA, 2007, op. cit.

<sup>53</sup> FAJARDO, 1977, op. cit. p. 211.

<sup>54</sup> FREGA, Ana. Pertenencias e identidades em uma zona de frontera. La región de Maldonado entre la revolución y la invasión lusitana (1816-1820). In: HEINZ, Flávio M.; HERRLEIN JR., Ronaldo (org). **Histórias regionais do Cone Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

Tenha sido o traslado forçado ou voluntário, a população que não havia fugido de Rio Grande foi dirigida para a região de Maldonado. Na correspondência enviada à Maldonado em oito de julho do mesmo ano, Cevallos indica a localização do povoado entre os arroios Maldonado Chico e Maldonado Grande<sup>55</sup>, determinando a construção de “ranchos” em terreno elevado que não esteja sujeito a inundações e que permita que a povoação disponha de ar mais puro, lenha e água por perto.<sup>56</sup> Cevallos fornece detalhes da viagem e instruções para instalação do grupo:

Vão caminhando até 40 famílias destes *isleños* com seu gado, a que hão precedido outras, e todas devem fixar-se entre os arroios de Maldonado Chico e Maldonado Grande, escolhendo para isso a situação mais conveniente tanto no elevado do terreno, para que o Povoado goze do ar mais puro, como na comodidade de ter perto lenha e água, porém em local que não fique exposto a inundações.<sup>57</sup>

Assim os açorianos iniciam nova viagem, deixando para trás o Continente de São Pedro e indo em direção às terras espanholas. Começam mais uma mudança, novamente feita nos meses de inverno. Conforme documentos enviados à Cevallos pelo Tenente Piccolomini, que acompanhava a viagem, Fajardo<sup>58</sup> descreve a viagem destacando o lento transcorrer da jornada, em que as famílias iam caminhando, levando seu gado e seus pertences, enquanto as carretas “carregadíssimas” transportavam móveis, utensílios e instrumentos agrícolas.<sup>59</sup>

Como não havia estradas, os açorianos fizeram o caminho sobre o campo, pelo norte, que na época era a via de acesso utilizada para comunicar Rio Grande a Montevideú. O trajeto incluía a travessia de arroios e pântanos, passando pelo Chui, São Miguel, Santa Teresa, Rocha, até chegar em Maldonado.

A viagem, que era longa por causa da grande distância, cerca de 470 km, se arrastava ainda mais devido ao peso da carga. As carretas sobrecarregadas obrigavam que a viagem fosse feita vagarosamente, podendo chegar a demorar cerca de três meses, mesmo tempo que haviam levado na travessia do Atlântico. Mas, apesar de enfrentar chuvas muito rigorosas e grandes frios, “as famílias iam contentes e com muito desejo de chegar”.<sup>60</sup> A chegada do primeiro grupo ocorreu em 18 de junho de 1763.

De acordo com ofício enviado por Mendinueta a Cevallos:

---

<sup>55</sup> O local escolhido situa-se nas proximidades do balneário de Punta del Este, que então não existia.

<sup>56</sup> PAGOLA, 2007, op. cit.

<sup>57</sup> CEVALLOS apud PAGOLA, 2007, op. cit. p. 20, tradução nossa.

<sup>58</sup> FAJARDO, 1977, op. cit. p.212.

<sup>59</sup> Nesse sentido, há de se considerar que Cevallos havia ordenado levar para San Carlos todo o gado possível encontrado em Rio Grande, cerca de 200.000 cabeças, considerando-o como espólio de guerra. (FAJARDO, 1977, op.cit. p.219) As carretas “carregadíssimas” podem ser apontadas como indícios de que, ao partir de Rio Grande rumo à San Carlos, os açorianos levaram consigo o que havia sido abandonado pela população que havia fugido da cidade.

<sup>60</sup> PICCOLOMINI apud FAJARDO, 1977, op. cit. p. 210.

Participo a V. Exma. que no dia 18 deste mês, chegaram as tropas de carretas e as famílias Isleñas que V. Exma. envia para a *Población Nueva*, a cargo do Ajudante de Milícias D. Fernando Cosido, e indo até essa povoação, instruí ao dito Cosido do que já havia sido feito e o modo que se devia de seguir para fazer o que ainda faltava [...] amanhã marcha toda a gente para cortar madeiras e palha para os ranchos que se há de fazer.<sup>61</sup>

Assim nascia a Vila de San Carlos<sup>62</sup>. Apesar do nome oficial, nos primeiros tempos ficou conhecida como *Pueblo de los isleños*, em alusão à origem de seus moradores, ou *Pueblo Nuevo*, em decorrência de já existir na região uma povoação junto ao posto militar de San Fernando de Maldonado<sup>63</sup>. Ao chegar, os *isleños* receberam terras e madeira para a construção de casas e cereais para o cultivo.

Em 30 de julho de 1763, Lázaro Mendinueta, responsável pela recepção e assentamento dos açorianos, relata ao General Cevallos que os *isleños* começaram a trabalhar nas terras, preparando-se para arar. Segundo Fajardo, acostumados a lavrar a terra, o gosto pela agricultura levou-os a preparar o solo para o plantio mesmo antes de terminar de erguer suas moradias. Passaram a criar gado, aves e porcos, fabricar queijos, plantar árvores frutíferas e cultivar trigo.<sup>64</sup>

Ao regressar de sua campanha no Rio Grande, em 7 de outubro de 1763, Cevallos faz as primeiras doações de terras aos açorianos: José Rodrigues de Acuña, Francisco Cabral e Manuel Pereira Leal Mancebo.<sup>65</sup>

Em 20 de fevereiro de 1764, Cevallos escreve de Buenos Aires, solicitando que os moradores da nova Vila de San Carlos plantem todos os tipos de árvores frutíferas. Para isso despacha de Montevideú quatro carretas com mudas de pêra, maçãs, cerejas e outras variedades para serem cultivadas. Um ano depois da chegada dos primeiros açorianos, em 19 de maio de 1764, Cevallos envia as primeiras sementes de trigo para o plantio. Para repartir as sementes de trigo é realizado um censo dos moradores, que vai indicar a existência de 130 famílias e 531 integrantes na Vila.<sup>66</sup> Sendo os açorianos acostumados à agricultura, rapidamente San Carlos adquire fama por seus trigais.

---

<sup>61</sup> MENDINUETA apud ESTRADA, 2007, op. cit. tradução nossa

<sup>62</sup> O nome San Carlos é escolhido por Cevallos em homenagem a Carlos III, então rei da Espanha.

<sup>63</sup> Vizinha de San Carlos, a vila de San Fernando de Maldonado recebe esse nome em homenagem ao Rei Fernando VI da Espanha, e ao tenente Francisco Maldonado, que em 1530 navegou por essa região. Apesar do nome composto, geralmente é nominada apenas como Maldonado.

<sup>64</sup> FAJARDO, 1977, op. cit.

<sup>65</sup> FAJARDO, Florencia. **La indiana región de Maldonado**. Montevideú, 2005, p. 199.

Disponível em <http://www.ejercito.mil.uy/cge/dptoeehh/Libros/Boletin%20Historico/134%20Bolet%20C3%ADn%20Hist%20C3%B3rico%20N%20C2%BA%20323%20-%20326%20-%20a%20C3%B1o%202005.pdf> >. Acesso em 14 dez. 2011.

<sup>66</sup> PAGOLA, 2007, op. cit.

Paradoxalmente, os açorianos portugueses, que haviam visto falhar as promessas da Coroa Portuguesa, agora, levados como prisioneiros, recebem da Espanha os recursos e regalias antes apenas prometidos por Portugal, desse modo passando da condição de prisioneiros para a de *Pobladores Fundadores* da Vila de San Carlos.

Retomando os conceitos de colonização, conquista e povoamento apontados por Alfredo Bosi, importa observar que nem sempre o colonizador irá querer ser visto como um conquistador procurando “passar aos descendentes a imagem do descobridor e do povoador, títulos a que, enquanto pioneiro, faria jus”. A esse respeito é interessante considerar o Requerimento espanhol de 1573 sobre a questão das descobertas, que determina a proibição oficial das palavras conquista e conquistadores, “que devem ser substituídas por *descubrimiento* e *pobladores*, isto é, colonos”.<sup>67</sup>

Embora as Determinações Régias do Requerimento de 1573 ordenassem que “não se deve chamar as descobertas de conquistas”, Tzvetan Todorov, ressalta que o texto não vai contra a conquista em si mas ao uso da palavra conquista.

Não se deve chamar as descobertas de conquistas. Como queremos que sejam feitas pacificamente e caridosamente, não queremos que o uso da palavra ‘conquista’ sirva de desculpa para o emprego da força ou para os danos causados aos índios. [...] Feito isso, usando a troca e o comércio como disfarce, estabelecer-se-ão com eles relações amistosas, manifestando muito amor [...] E, sem demonstrar cobiça, estabeleceremos laços de amizade e faremos laços de amizade com os chefes e senhores que pareçam ser os mais aptos a facilitar a pacificação daqueles países.<sup>68</sup>

Mesmo considerando o Requerimento de 1573 um avanço em relação às disposições anteriores, Todorov destaca que a intenção e o objetivo geral mantiveram-se os mesmos: “a submissão daquelas terras à Coroa espanhola”.<sup>69</sup>

Mais do a questão de domínio do território, o que chama atenção no povoamento de San Carlos é a utilização de prisioneiros portugueses para povoar terras espanholas. Segundo Fajardo<sup>70</sup> esse fato pode ser considerado uma “arriscada porém notável experiência político-sociológica”, visto que nas terras de San Carlos nascia uma população cujos moradores eram súditos originários justamente de seu Estado rival. Fernando Assunção<sup>71</sup> destaca San Carlos como “um caso único” na história, em que os açorianos, trazidos à América pela Coroa portuguesa, são tratados por Cevallos como prisioneiros políticos e transferidos às terras da Coroa da Espanha para fundar uma nova povoação.

<sup>67</sup> BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia das letras, 1992, p.11

<sup>68</sup> DETERMINAÇÕES RÉGIAS. In: TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 208, 209.

<sup>69</sup> TODOROV, 1999, op. cit. p.210.

<sup>70</sup> FAJARDO, 1977, op. cit. p 207.

<sup>71</sup> ASSUNÇÃO, Fernando. **Portugueses en el Río de la Plata**. Lisboa: Instituto Camões, 2006.

Interessante observar que, ao mesmo tempo em que provê alimentos ao grupo, distribui terras, gado, árvores frutíferas, sementes para o plantio e ferramentas, Cevallos reitera a vigilância sobre os *isleños*. Mesmo tendo sido fundada como vila, o que deveria caracterizar sua autonomia e a possibilidade de responder diretamente ao governo espanhol estabelecido em Buenos Aires, San Carlos não recebeu essa prerrogativa. Dada a nacionalidade de seus povoadores, ficou subordinada ao comando militar da vila de San Fernando de Maldonado. Embora de modo dissimulado, os açorianos continuavam como prisioneiros da Coroa espanhola.<sup>72</sup>

A existência de duas vilas vizinhas, povoada por grupos rivais e criadas com objetivos diferentes, intensificou os conflitos na região. Enquanto San Fernando de Maldonado era formada por espanhóis, como posto militar da região, San Carlos foi povoada pelos açorianos e planejada como ponto de abastecimento, para suprir tropas espanholas. O modo como a vila foi configurada, sob o comando político, jurídico e militar de Maldonado, correspondia à lógica da exploração, típica das condições de colonização, indicando o caráter de exclusão dos açorianos nas decisões do povoado, vistos como estrangeiros devido a sua origem lusa. Assim, na organização de San Carlos, os espanhóis ficaram a cargo do comando militar e administrativo da vila, enquanto que aos açorianos coube o trabalho braçal, em especial o trabalho no campo.

Quer parecer que o olhar dos espanhóis sobre os *isleños* portugueses incide sobre as diferenças, sendo vistos com desconfiança, como estrangeiros e, até mesmo, como inimigos. Nesse sentido, importa compreender as relações entre grupos de cultura diferente, a partir dos conceitos de Todorov, que analisa a questão da alteridade tomando como referência, justamente, o período da conquista e colonização da América.

### **Considerações finais**

Buscando compreender as relações sociais e as transformações culturais ocasionadas pelos movimentos migratórios, esta pesquisa se dedicou a investigar de modo especial o grupo açoriano conhecido como “Pobladores de San Carlos”. Para conhecer a trajetória desses pioneiros, suas histórias e as relações sociais que estabeleceram na formação do povoado, o trabalho foi dividido em três tópicos principais: o percurso do grupo até chegar em San Carlos; o tensionamento das relações entre açorianos e espanhóis; e, os relacionamentos familiares e redes de solidariedade constituídos nesses primeiros tempos. Essa divisão teve

---

<sup>72</sup> PAGOLA, 2007, op. cit.



como propósito alcançar o objetivo principal deste estudo, de analisar a trajetória das famílias açorianas que foram “transportadas” para o sul do Brasil a partir de 1746 e levadas como prisioneiras para o território espanhol em 1763, para fundar a Vila de San Carlos, em Maldonado, Uruguai.

Tomando-se como colonização a saída do solo pátrio por iniciativa do Estado, pode-se considerar como colonização, tanto a corrente migratória que povoou os Açores quanto a vinda de açorianos para o sul do Brasil e para San Carlos, pois foram promovidas pelas Coroas Ibéricas com cidadãos de um lugar trasladados para outras terras a fim de cultivá-las e habitá-las.

Enquanto que nos Açores, pelo fato de as ilhas não serem habitadas, o processo ateuve-se ao povoamento e exploração do solo, no caso da vinda para o Brasil, o processo de colonização foi associado à conquista dos povos indígenas que habitavam o local; o transporte dos casais açorianos atendendo a um projeto da Coroa Portuguesa de povoar o local e fixar-se na região, para cultivar e defender o solo, visando o domínio do território que disputava com os espanhóis.

Já na colonização de San Carlos, o que se destaca é o estado de guerra que motivou a formação da vila, com a utilização de prisioneiros portugueses para povoar terras pertencentes à Coroa Espanhola, formando um povoado cujos moradores eram súditos originários do Estado rival. O modo como o traslado ocorreu parece indicar a boa disposição dos açorianos em aceitar a migração, deslocando-se pacificamente para o território espanhol como forma de obter as tão sonhadas vantagens que haviam levado o grupo a emigrar para a América. Por outro lado, obter mão de obra qualificada em uma região inóspita era um fato raro na época. Ao contrário dos nativos habitantes da região, os açorianos eram agricultores preparados, prontos para iniciar o cultivo, facilitando o processo de povoamento planejado por Pedro Cevallos.

Tenha sido o traslado forçado ou voluntário, a população que não havia fugido de Rio Grande durante a Invasão Espanhola foi dirigida para a região de Maldonado, iniciando um novo processo de colonização, que misturou migração e guerra e gerou o estranhamento entre açorianos e espanhóis, dando lugar a tensões e rivalidades entre os dois grupos.

Com relação à identidade açoriana, considerando a diversidade cultural envolvida no povoamento do arquipélago, essa mescla de costumes levou à formação de uma comunidade que, embora sendo parte de Portugal, não era igual à sociedade portuguesa, constituindo uma

nova identidade. Vitorino Nemésio<sup>73</sup> assinala os aspectos climáticos e geográficos compartilhados pelo grupo como elementos que vão formar os valores identitários dos açorianos. De modo complementar, Luís Ribeiro<sup>74</sup> associa as influências do meio insular e das condições climáticas ao comportamento dos ilhéus, sua religiosidade, o forte apego à terra, o saudosismo, o caráter servil e humilde, a atração pelo mar e a necessidade “quase instintiva” de emigrar, destacando ainda seu gosto pela aventura. Esses aspectos que caracterizam a identidade açoriana podem também ser apontados entre os fatores que levaram os açorianos a emigrar dos Açores, lançando-se para a América.

Finalizando, convém lembrar, à luz de Simmel que nenhuma análise pode ser tomada como caminho único para alcançar o conhecimento, estando condicionada pelo ponto de vista do pesquisador, sendo portanto parcial e podendo ser complementada. Esse aspecto ficou evidenciado nesta pesquisa de modo especial, devido ao fato de a formação de San Carlos ter ocorrido em uma região de fronteira, na época, em disputa pelas duas Coroas Ibéricas.

Ao começar a investigar as relações que se estabeleceram em San Carlos entre os dois grupos, açorianos e espanhóis, surgem diversos questionamentos, suscitando outros problemas, hipóteses e desafios. Como se desenvolveram as relações entre Carolinos e Fernandinos, comprometidas pela rivalidade e mútua desconfiança?

Considerando que novas trajetórias lançaram os açorianos em caminhos diferentes, que novos roteiros de êxodo empreendeu o grupo? Que traços de identidade permanecem ou são reconhecidos pelos seus descendentes? Vestígios de uma outra história...

### Referências bibliográficas

ASSUNÇÃO, Fernando. *Portugueses en el Río de la Plata*. Lisboa: Instituto Camões, 2006.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1985.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das letras, 1992.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.

---

<sup>73</sup> NEMÉSIO, Vitorino. Açorianidade. In: GOUVEIA, Maria Margarida, Maia. **Vitorino Nemésio. Estudo e Antologia**. Lisboa, ICALP/MEC, 1986.

<sup>74</sup> RIBEIRO, Luís da Silva. **Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade**. Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1964.

CÉSAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul: Período colonial*. Porto Alegre, Globo, 1970, p.170.

CIDADE, Francisco de Paula. *Lutas ao sul do Brasil, com os espanhóis e seus descendentes, 1680-1828*. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, 1948.

ESTRADA, Marcos M. de. *La Villa de San Carlos: Pedro de Cevallos, portugueses y "patagónicos"*. Montevidéo: Ediciones de la Plaza, 2007. Disponível em < <http://sancarlos.freeiz.com/articuloshistoria/villadesancarlos/> > Acesso em 29 set. 2011.

FAJARDO, Florencia Terán. *La Gravitante región de Maldonado*. Intendencia de Maldonado, Comité Patriótico Departamental, 1977, p.208.

Disponível em < <http://www.ejercito.mil.uy/cge/dptoeehh/Libros/Boletin%20Historico/107%20Bolet%20C3%ADn%20Hist%20C3%B3rico%20N%C2%BA%20219%20-%20222%20-%20a%20C3%B1o%201977.pdf> > Acesso em 29 set. 2011.

FAJARDO, Florencia. *La indiana región de Maldonado*. Montevidéo, 2005, p. 199.

Disponível em < <http://www.ejercito.mil.uy/cge/dptoeehh/Libros/Boletin%20Historico/134%20Bolet%20C3%ADn%20Hist%20C3%B3rico%20N%C2%BA%20323%20-%20326%20-%20a%20C3%B1o%202005.pdf> >. Acesso em 14 dez. 2011.

FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000, p.15.

FORTES, João Borges. *Os casais açorianos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

GOUVEIA, Maria Margarida Maia. *Vitorino Nemésio. Estudo e Antologia*. Lisboa, ICALP/MEC, 1986.

GREGÓRIO, Rute D. *Configurações de uma pequena nobreza e do seu património, Açores, séculos XV e XVI*. Conferência apresentada em "Conferências e Debates Império Português de Antigo Regime: Características Estruturantes e Papel da Pequena Nobreza". Lisboa, 27 de maio de 2010. Disponível em < <http://hdl.handle.net/10400.3/1084> >. Acesso em 20 out 2011.

HEINZ, Flávio M.; HERRLEIN JR., Ronaldo (org). *Histórias regionais do Cone Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

LE GOFF, Jacques. *Pensar la historia: modernidad, presente, progreso*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1991.

PAGOLA, Brenda. *Y ellos le dieron vida. San Carlos: fundadores y vecinos*. Montevidéo, Uruguai, 2007.

PARK, Robert Ezra. Las migraciones humanas y el hombre marginal. Publicado originalmente em *American Journal of Sociology*, 1928 (maio), nº 33, p. 881-893. Disponível em < <http://www.ub.edu/geocrit/sn-75.htm#LAS%20MIGRACIONES%20HUMANAS%20Y%20EL%20HOMBRE> >. Acesso em 01 maio 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

RAMOS, Accurcio Garcia. *Noticia do Archipelago dos Açores e do que ha mais importante na sua historia natural*. Angra do Heroísmo: Typographia Terceirense, 1869.

RIBEIRO, Luís da Silva. *Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade*. Angra: Instituto Açoriano de Cultura, 1964.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. Brasília:UnB, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WEBER, Max. *Max Weber: sociologia*. São Paulo: Ática, 1979.

WIEDERSPHAN, Oscar Henrique. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1979.

RECIBIDO EL 10 DE OCTUBRE DE 2013

APROBADO EL 31 DE OCTUBRE DE 2013